

KARL MARTIN SILBERSCHMIDT¹

(Aschaffenburg, Alemanha, 1903; S. Paulo, Brasil, 1973)



Karl Martin Silberschmidt. S. Paulo, s.d.

Fotógrafo não identificado.

Museu/Centro de Memória do Instituto

Biológico/SP.

1 Texto e pesquisa de Claudia Beatriz Heynemann, pesquisadora do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e do Núcleo de Estudos Arqshoah/Leer-USP. Pesquisas complementares : Tucci Carneiro e Blima Lorber.

A família Silberschmidt na Alemanha

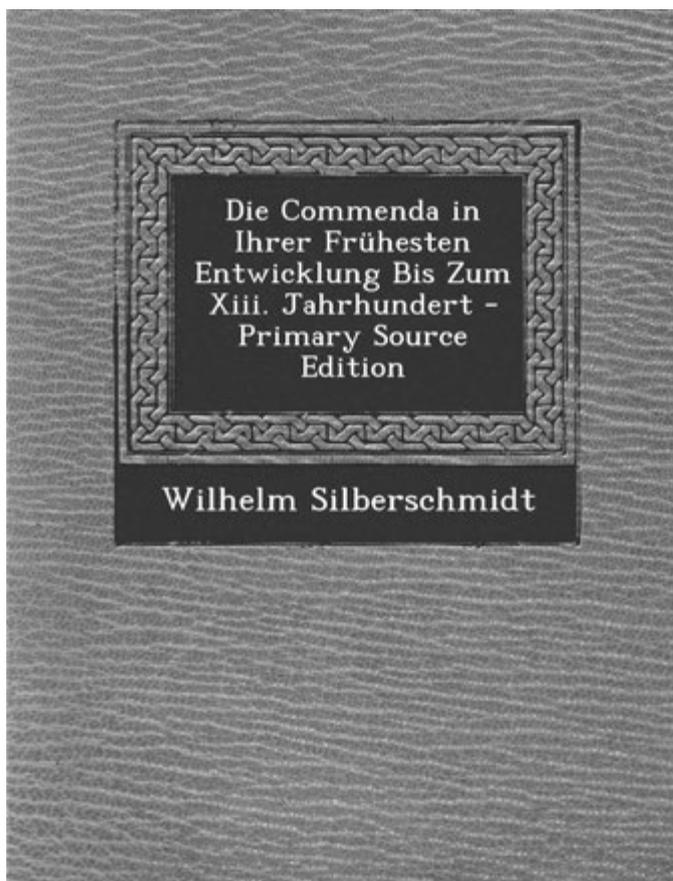


Aschaffenburg, cidade natal de Karl Martin Silberschmidt.
Google Maps.

Karl Martin Silberschmidt nasceu em 31 de agosto de 1903 em Aschaffenburg (Alemanha) e faleceu em S. Paulo em 2 de abril de 1973. Nascido em um lar judaico, era filho do juiz regional superior e professor universitário Wilhelm Silberschmidt (1862-1939) e sua esposa Ida (1870-1943). Cresceu em Munique junto com seus irmãos Rosel (1892-?), Hans (1895-?) e Benno (1899-1988). Karl e seu irmão Benno foram os únicos sobreviventes de um núcleo familiar atingido pela perseguição e extermínio nazistas.

Na cidade de Aschaffenburg, hoje um destino turístico na região da Baviera, acredita-se ter havido judeus desde meados do século XII, embora só no século XIV possa-se falar em uma comunidade com uma sinagoga. Os massacres de Armleder (1336-1339) e as perseguições da Peste Negra (1348-1349) quase eliminaram a comunidade, que em 1457 foi obrigada a viver em um gueto e a usar roupas que a distinguisse. A partir do início do século XIX todas as restrições relacionadas aos judeus foram abolidas até a era nazista.

De uma família de cientistas e intelectuais, Karl Martin era filho de Wilhelm Silberschmidt, um professor e jurista de sólida carreira, criado em uma família de médicos em Würzburg. Wilhelm formou-se na Universidade Julius Maximilians, e lá também obteve seu doutorado em 1883, posteriormente ocupando os cargos de promotor público e juiz distrital em Aschaffenburg, além de ter sido magistrado em outras localidades. Chegou a advogado no Supremo Tribunal Regional da Baviera em 1919 e foi autor de muitas publicações científicas. Em 1929, com a aposentadoria, foi nomeado para o Conselho Judiciário Secreto. A partir de 1933 sucedem-se as proibições e boicotes, a demissão de funcionários públicos opositores do regime, e a expulsão de juizes, médicos e advogados de suas ordens profissionais. Em sua *História do anti-semitismo*, Eriksen, Harket e Lorenz [2010, p. 457] destacam que a cota para os estudantes judeus limitou em 1% o número dos que podiam entrar no ensino e mais



Die Commenda in Ihrer Frühesten Entwicklung Bis Zum XIII. Jahrhundert – Primary Source Edition (German), um dos livros de autoria de Wilhelm Silberschmidt, reeditado em 31 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.amazon.co.uk/Commenda-Ihrer-Fruhesten-Entwicklung-Jahrhundert/dp/1293434604>. Acesso em: 9 out. 2020.

de dois mil professores universitários e investigadores “não arianos” perderam o emprego, entre eles Albert Einstein.

Em julho de 1933 os judeus perderam sua nacionalidade, encontrando a passividade das igrejas e o apoio de professores universitários, estudantes e intelectuais a essas medidas: nas universidades e escolas os alunos judeus eram insultados e marginalizados por professores e colegas e utilizados como objetos para demonstração nas aulas de “conhecimento racial” [Idem, p. 461]. O professor Wilhelm Silberschmidt, como outros, foi proibido de dar palestras, perdendo em seguida a licença para lecionar. Faleceu em 1939 em Munique, mesmo ano em que no Brasil seu filho Karl solicitava a nacionalidade brasileira.

Tempos obscuros na Alemanha

Depois de 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, não cessaram as proibições e boicotes aos estabelecimentos de judeus, assim como as demissões de funcionários públicos opositores do regime. A partir de 22 de abril de 1933, uma das primeiras medidas antissemitas adotadas pelo advogado Hans Frank, recém-nomeado para a “submissão da Justiça nos Estados e para a renovação da ordem de Direito”, foi a de substituir as associações existentes pela Aliança dos Juristas Nacional-Socialistas Alemães. O controle da Justiça culminou com a expulsão de juízes, médicos e advogados de suas ordens profissionais por motivos racistas e políticos.



Multidão reunida para a festa do Partido Nazista, quando foram anunciadas as novas leis que legalizavam as pseudoteorias raciais adotadas pelo *Reich*. Nuremberg, 15 de setembro de 1935. *Enciclopédia do Holocausto*. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/massed-crowds-at-the-1935-nazi-party-rally-in-nuremberg?parent=pt-br%2F11170>.

Acesso em: 9 out. 2020.

Assim, logo nos primeiros anos do governo nazista os judeus alemães foram, cada vez mais, sendo destituídos de seus direitos pelas leis raciais. Durante os encontros e comícios organizados pelo Partido Nazista, parte da população alemã vibrava em apoio às leis que excluía os judeus como “raça degenerada”. [ERIKSEN et al., 2010, p. 461].

Segundo o artigo extraído da *Encyclopedia of Jewish life Before and During the Holocaust* [Yad Vashem, 2001], na *Kristallnacht* (9 a 10 de novembro de 1938), entre 20 e 30 judeus da cidade de Aschaffenburg

foram enviados ao campo de concentração de Dachau, e a sinagoga foi incendiada junto com 15 rolos da Torá e as provisões judias foram saqueadas. Dezenas de outros judeus foram enviados para prisões e deportados para Theresienstadt em 1942. Entre 1933-1941, aqueles que conseguiram emigrar foram para os Estados Unidos, Inglaterra e Palestina, enquanto outros deixaram a cidade, mas permaneceram na Alemanha.

Quanto aos demais membros da família Silberschmidt, sabemos que sua mãe Ida, nascida em 1870 em La Chaux de Fonds, na Suíça, foi assassinada na Shoah*. Segundo a página de testemunho prestado ao Centro Mundial de Memória do Holocausto em Jerusalém – Yad Vashem pelo seu sobrinho Walter Silberschmidt em 1996, ela foi deportada de Munique para Theresienstadt em 1942, onde morreu de fome e pneumonia. Foi também Walter Silberschmidt que assinou o testemunho sobre Hans Silberschmidt, nascido em 1895, advogado, solteiro, deportado de Munique para o campo de Lublin (Lublin/Majdanek), havendo estado no gueto de Piaski, na Polônia. Não se sabe o lugar exato em que teria perecido, provavelmente em 1942, fato noticiado na imprensa brasileira naquele ano. Rosel,

Karl Martin Silberschmidt

a irmã de Hans, nascida em 1892, solteira, doutora, lecionou alemão, francês e história na escola secundária feminina *Sophienschule* em Würzburg. Após sofrer banimento profissional em 1933 voltou para a casa dos pais em Munique. Ela foi levada a Theresienstadt e seguiu, segundo o primo, o mesmo destino de Hans, deportada para Lublin e Piaski. Calcula-se que tenha morrido no mesmo ano do irmão.

No Cemitério Judaico de Munique há uma lápide dos irmãos Silberschmidt em que se acham inscritos os seus nomes, ainda que não estejam sepultados ali. Ao lado dos nomes de Hans e Rosel, consta que foram deportados em 1942. Sobre Karl M. Silberschmidt, há uma data de morte, em 1975, um engano, pois ele faleceu em 1973.



Jewish Cemetery Munich (Garchinerstrasse)

Benno Daniel Silberschmidt (Dr. Phil)
Oberlandesgerichtsrat 1899-1988
Rosel Silberschmidt - Born 1892,
Deported 1942
Hans M. Silberschmidt - Born 1895,
Deported 1942
Karl M. Silberschmidt - Died 1975

Munich, Germany
Bayern (Bavaria)
N48 10.905
E11 36.232

JCEAA Id: C100388
7 february 2010

Juedischer Friedof Muchen

*Matzeiva** da família Silberschmidt no Cemitério Judaico de Munique (Alemanha). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/jceaa/4350266305>. Acesso em: 20 out. 2020.

Um cientista judeu no Brasil de Vargas

Em 1935 Karl Martin refugiou-se no Brasil. Atendia, naquele momento, o oportuno convite para chefiar o recém-criado Departamento de Fisiologia Vegetal do Instituto Biológico de S. Paulo. Viajou como passageiro da segunda classe no Cap Arcona, da companhia armadora Hamburg-Süd, conforme registram os formulários preenchidos e os depoimentos de seu processo de naturalização. O Cap Arcona, transatlântico de luxo para o transporte de passageiros lançado em 1927, era uma das maiores embarcações entre as que faziam a rota Europa-Brasil-região do Prata na década de 1930, e seria tristemente lembrado por ter sido bombardeado pela aviação inglesa quase ao final da guerra, tendo a bordo quatro mil prisioneiros de campos de concentração, confinados pelos alemães. Karl Martin Silberschmidt contava com 32 anos quando desembarcou no porto de Santos em um dia quente do final de novembro de 1935. Talvez não pudesse compreender de imediato o que acontecia, impossibilitado de ler em português as manchetes dos jornais. Ele chegara em meio ao levante deflagrado no norte do país pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) liderada por Luís Carlos Prestes. Conduzida por comunistas, mas tendo agregado outros setores da sociedade, a revolta foi amplamente derrotada, e muitos foram presos e torturados pela polícia de Vargas, chefiada pelo capitão Filinto Müller. As inclinações pró-nazismo, bastante evidentes no governo, têm como imagem síntese

a deportação da companheira de Prestes, Olga Benário, judia de origem alemã, assassinada em um campo de concentração em 1942.

Com as devidas diferenças, esse cenário político não era alheio a Karl, que vinha da Alemanha após a tomada do poder pelos nazistas. Em sua trajetória, o jovem botânico frequentou o *Maximiliansgymnasium* em Munique de 1916 a 1922.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO N.º 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso: **Dr. Benno Daniel Israel Silberschmidt.**
Admitido em território nacional em caráter **permanente.**
Nos termos do Art. 24, letra **a**, do dec. n.º 3.010, de 1938
Lugar e data de nascimento: **Aschaffenburg / 3-6- / 1899.**
Nacionalidade: **alemã** Estado civil: **solteiro.**
Filiação (nome do Pai e da Mãe): **Prof. Dr. Wilhelm e Ida Silberschmidt** Profissão: **professor**
Residência no país de origem: **Munich.**

SEXO: _____ IDADE: _____

FILHOS MENORES DE 18 ANOS: _____

Passaporte n.º **A. 15447** expedido pelas autoridades de **Munich** na data **5-6-1939.**

AMASSATURA DO PORTADOR: *Benno Daniel Israel Silberschmidt*

Consulado Geral do Brasil em **Hamburgo** **15 de Junho de 1939.**
O CONSUL: *João de Barros*

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e assinada pelo interessado ou seu representante, sendo em duas vias em original.

Ficha consular de qualificação do Dr. Benno Daniel “Israel” Silberschmidt, irmão de Karl Martin, emitida pelo consulado geral do Brasil em Hamburgo em 15 de junho de 1939. Acervo: Arquivo Nacional/RJ.

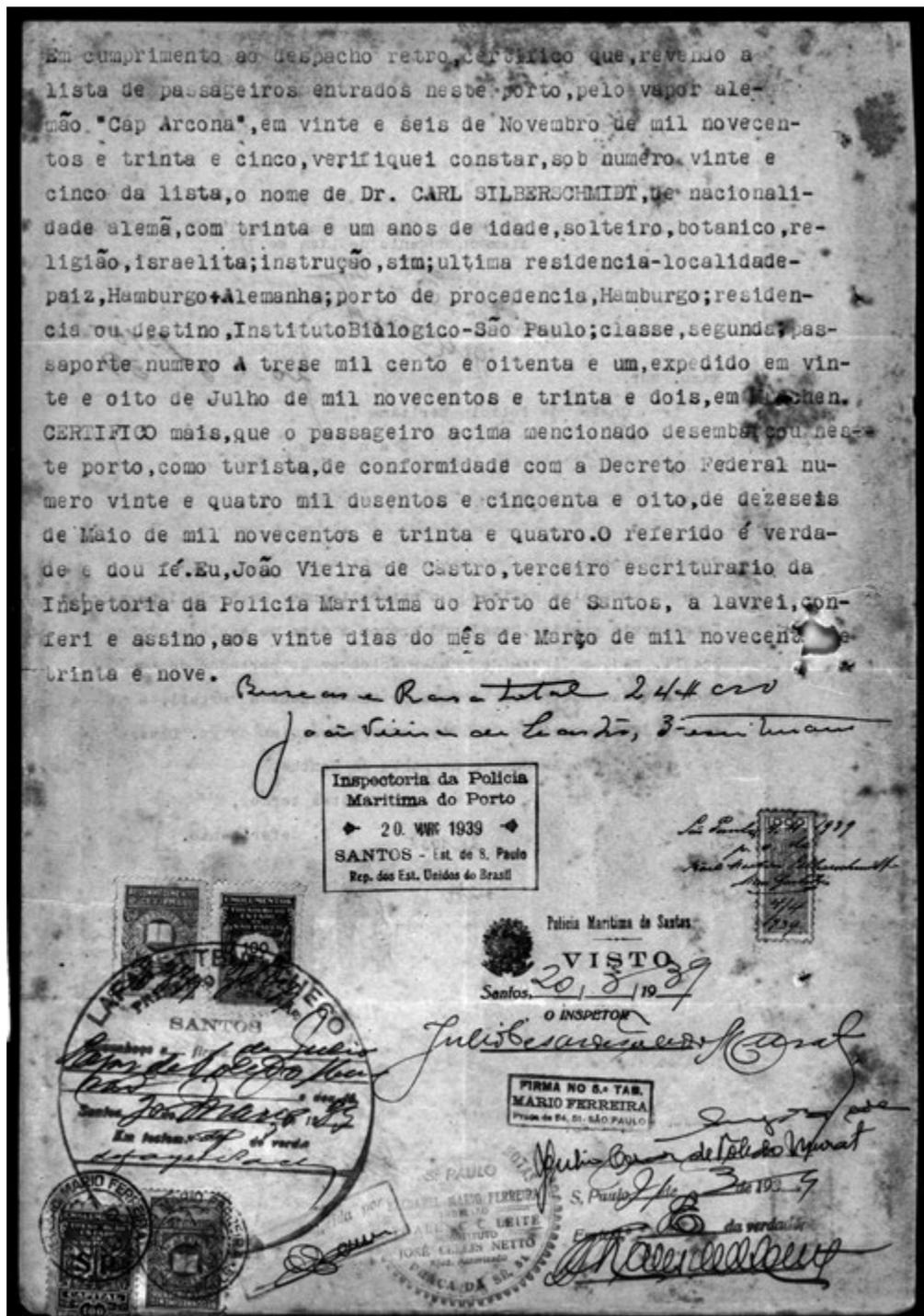
Karl Martin Silberschmidt

Estudou ciências naturais com ênfase em biologia (botânica) nas universidades de Munique e Berlim e, em 1927, recebeu seu doutorado “magna cum laude” com a tese “A influência de temperaturas constantes sobre a velocidade do crescimento das plantas e sobre o tamanho do resultado final atingido” e viu sua carreira progredir nos anos subsequentes. [REBOUÇAS et al., 2014]. Mas a Alemanha não era mais a pátria de Goethe e Beethoven, embora mesmo antes os judeus tivessem experimentado, com frequência, a violência do antissemitismo.



Maximiliansgymnasium, onde estudou Karl Martin Silberschmidt, localizado na Siegfriedstrasse 22. Munique, 2010. Fotografia não identificada. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oskar-von-Miller-Gymnasium_Muenchen-4.jpg. Acesso em: 9 out. 2020.

Para se candidatar à naturalização brasileira, Karl Silberschmidt, solteiro, doutor em filosofia, botânico, solicitou em 1939 a certidão de seu desembarque no Brasil à Inspetoria da Polícia Marítima de Santos, que emitiu o documento confirmando datas, nacionalidade alemã, idade e a religião “israelita”, além de possuir instrução. Seu destino no Brasil era o



Certidão de desembarque emitida pela Polícia Marítima do porto de Santos, 20 de março de 1939. Processo de naturalização de Karl Silberschmidt. Serviço de Comunicações do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Série Interior. BR RJANRIO A9 Processo K20252940. Rio de Janeiro, 1940. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Karl Martin Silberschmidt

Instituto Biológico de S. Paulo. Vinha convidado pelo governo estadual para trabalhar na instituição por meio de Henrique Rocha Lima, diretor do órgão e uma das testemunhas presentes na audiência de naturalização ocorrida em 4 de maio de 1939. Rocha Lima declarou ser médico e ter formulado o convite a Silberschmidt para “orientar os serviços científicos atualmente a cargo do mesmo justificante”, que teria chegado exatamente no dia 26 de novembro de 1935, do que se lembrava com toda certeza, por ter acompanhado o recém-chegado “na viagem que fez do Rio para esta capital”, o que torna um pouco confuso todo o trajeto, uma vez que a certidão de desembarque se refere ao porto de Santos.



Edifício-sede do Instituto Biológico de S. Paulo, projetado pelo arquiteto Mário Whately em estilo Art déco e construído em 1928 na Vila Mariana. S. Paulo, 17 de setembro de 2016. Fotografia de Belrocha94. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Biol%C3%B3gico#/media/Ficheiro:Instituto_Biol%C3%B3gico_de_S%C3%A3o_Paulo_18.jpg. Acesso em: 9 out. 2020.

De qualquer forma, em 1939 o botânico ocupava o cargo de chefe do Serviço Científico do Instituto Biológico, em uma trajetória conjunta com a criação e o desenvolvimento científico dos anos 1930 no Brasil e que iria se beneficiar em larga medida da presença de cientistas judeus alemães que puderam, por meio de convites de empresas e centros de pesquisa, obter seus vistos de entrada e permanência no país, driblando a legislação adversa à entrada de refugiados políticos. Em um primeiro momento, o sistema de cotas estabelecido

pela legislação e reforçado pela Constituição de 1934 permitiu, ainda assim, a admissão desses estrangeiros, incluindo os cientistas que, movidos por uma série de fatores, destacando-se a fundação da Universidade de S. Paulo em 1934, atendiam, mesmo com dificuldades, ao que dispunha a lei. Ao longo da década a legislação, bem como as hoje conhecidas “circulares secretas” (CARNEIRO, 2012, p. 81) buscaram limitar ou impedir a entrada de judeus no Brasil, criando exigências cujos resultados ensejaram distintas interpretações historiográficas acerca do alcance e do que motivou as restrições. Muitos conseguiram também a naturalização, mesmo que solicitada antes dos prazos exigidos por lei, ou sem atender a exigências, tais como a comprovação de serviço militar, que Silberschmidt não possuía, tendo respondido que este não era obrigatório na Alemanha.

Uma nova geração de cientistas

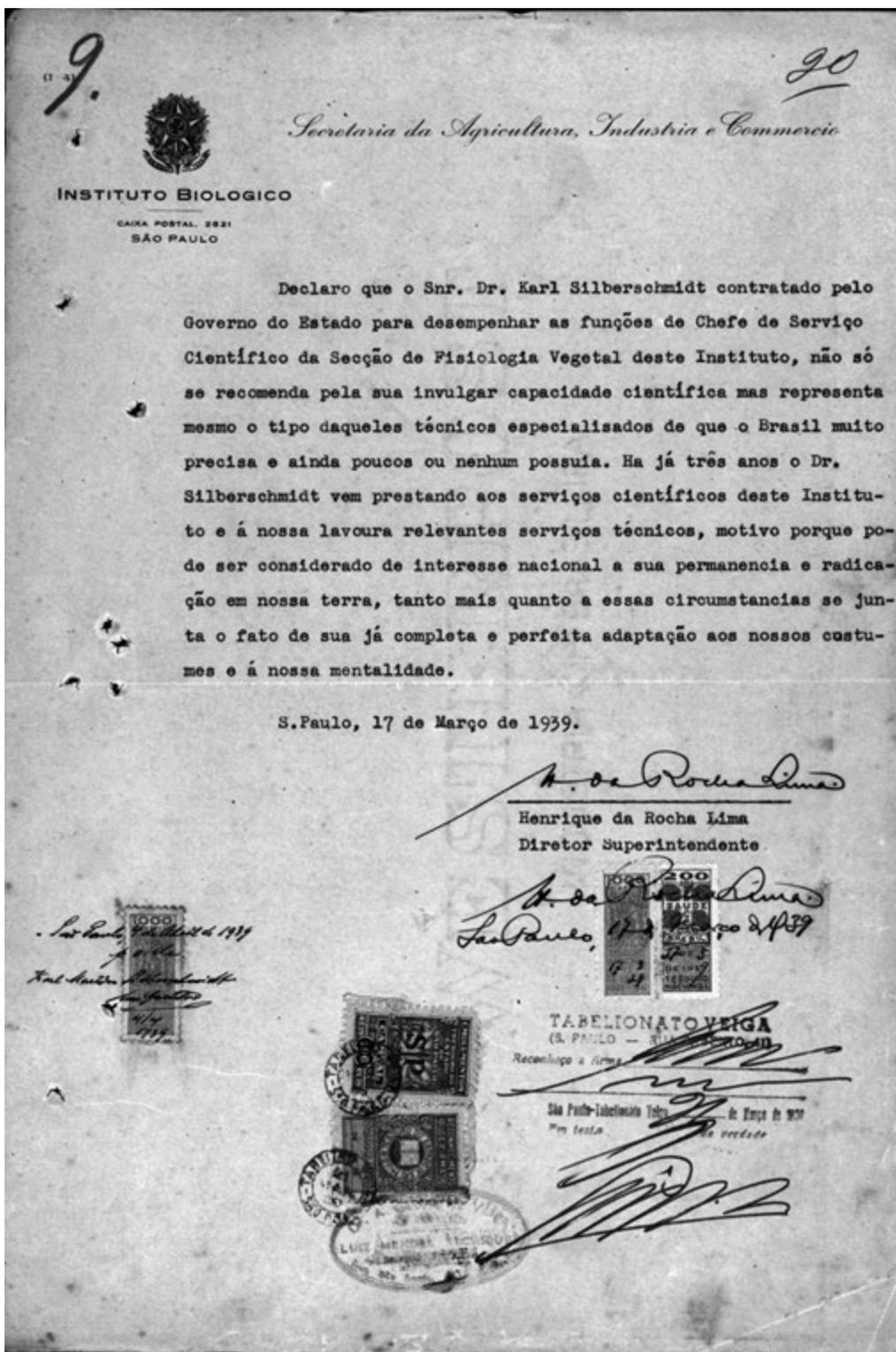
Para melhor compreender o ingresso de Silberschmidt no Instituto Biológico paulista devemos lembrar que na outra ponta desse processo estava a geração de cientistas como Rocha Lima: sua formação na Alemanha nos primeiros anos do século XX o tornou sensível ao que acontecia no meio científico germânico. Nascido na década de 1870, diplomou-se em medicina em 1901 e seguiu no mesmo ano para estudar microbiologia no Instituto de Higiene da Universidade de Berlim, tendo especial interesse pela bacteriologia e parasitologia, que já manifestava mesmo antes de partir, ao ter contato com o Instituto Soroterápico Federal, estabelecido em 1900 na fazenda de Manguinhos, no Rio de Janeiro, para onde retornaria após dezoito meses em Berlim a convite de Oswaldo Cruz. Como afirma André Felipe Silva, Rocha Lima “foi o mais atuante promotor das relações científicas entre Brasil e Alemanha na primeira metade do século XX”.

A partir de 1933, com a subida ao poder do Partido Nazista, ele seria informado dos graves acontecimentos por colegas alemães, sendo também procurado por médicos e bacteriologistas, entre outros especialistas, muitos deles judeus, que solicitavam postos de trabalho no Brasil, mas infelizmente tendo que responder que não havia recursos e apoio político para tal. No mesmo ano, Rocha Lima tornou-se diretor do Instituto Biológico de S. Paulo e nesse período aceitou participar da comissão de criação da Universidade de

Karl Martin Silberschmidt



Henrique da Rocha Lima, diretor-superintendente do Instituto Biológico de S. Paulo (1933-1949), responsável pela contratação de Karl Martin Silberschmidt. S. Paulo, s.d. Fotografia não identificada. Acervo: Instituto Biológico/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Declaração de Henrique da Rocha Lima, diretor-superintendente do Instituto Biológico, anexada ao processo de naturalização de Karl Silberschmidt. Serviço de Comunicações do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Série Interior. BR RJANRIO A9 Processo K20252940. Rio de Janeiro, 1940. Acervo: Arquivo Nacional; Arqshoah/Leer-USP.

S. Paulo, indicando os nomes de professores alemães para as cadeiras de ciências naturais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pedindo a contatos alemães que incluíssem nomes de não arianos ou de arianos tidos como inimigos do regime. André Felipe Silva ressalta que “Rocha Lima também procurou atrair cientistas alemães de origem judia para o Instituto Biológico. Ainda em 1934, articulou a vinda de Ostertag e Helmuth Embden para o instituto. Em 1935 contratou o fitopatologista Karl Silberschmidt” [SILVA, 2012, p. 12].

Em março de 1939 Rocha Lima assinou, como diretor-superintendente do Instituto Biológico da Secretaria da Agricultura de S. Paulo uma declaração na qual o Dr. Karl Silberschmidt, Chefe do Serviço Científico da Seção de Fisiologia Vegetal, havia sido especialmente convidado, com autorização do governo estadual, para vir ao Brasil com a finalidade de exercer esse cargo por longo prazo, sem qualquer determinação prévia. Era um documento complementar à declaração precedente, do mesmo mês, na qual se refere à sua “invulgar capacidade científica” e não apenas representando “mesmo o tipo daqueles técnicos especializados de que o Brasil muito precisa e ainda poucos ou nenhum possuía”. Dados os serviços prestados pelo cientista à lavoura, podia-se considerar sua permanência como de interesse nacional. Segundo a outra testemunha no processo, Raul Drumond Gonçalves, engenheiro agrônomo e colega de Karl, o solicitante já havia produzido artigos em língua portuguesa, como prova de sua adaptação e capacidade técnica. As duas testemunhas confirmaram, como esperado, o desinteresse do cientista pela política, sua admiração pelo país e que a despeito de não possuir bens imóveis, já se encontrava plenamente radicado.

A trajetória de um botânico: Silberschmidt e a ciência brasileira

Virgílio dá, na sua “Georgica”, uma florida descrição de macieiras enxertadas sobre plátanos e de mirtas que continuam vegetando viçosamente sobre porta-enxertos de carvalhos. Na literatura da antiguidade e da idade média, encontramos exemplos semelhantes, com grande frequência. Assim o escritor árabe Ibn Wahhschija, citado por E. Bergdolt, dá instruções muito detalhadas sobre a maneira de se enxertar um limoeiro sobre uma oliveira. Afirma

ainda o autor árabe que o limoeiro assim enxertado produz lindos limões, que, em tamanho, forma, cor e no seu teor em óleo, lembram azeitonas. [SILBERSCHMIDT, 1949, p. 22]

Ao longo de quase quatro décadas de vida no Brasil, Karl Silberschmidt cumpriu uma carreira docente e científica reconhecida, com artigos citados na sua área ainda hoje. Ele foi contratado para o Instituto Biológico de S. Paulo em um momento-chave para a instituição e para a história da ciência brasileira, nos anos 1930 a partir do Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal criado em 1927 e que “logo tornou-se um centro de pesquisa e discussão da ciência, referência para todos os pesquisadores do País nos campos da Biologia, Microbiologia, Botânica, Zoologia, Medicina, Veterinária, Anatomia, Química e Farmacologia”. Primeiro presidido por Arthur Neiva, o instituto tornou-se um “centro reputado nacional e internacionalmente” e passou a ter a missão de colaborar com a recém-fundada Universidade de S. Paulo na implantação de cursos de especialização em veterinária e agronomia. É nesse movimento de inovação das instituições científicas que se dá a admissão de Silberschmidt para organizar a seção de Fisiologia Vegetal [SÃO PAULO, 2013, p. 50].

Karl Silberschmidt, o “Dr. Patatinha” como se recordaria o pesquisador Oswaldo Augusto Sant’ana em seu artigo sobre o Instituto Biológico [SANT’ANA, 2005, p. 106] integrava a fantástica equipe de Rocha Lima e se dedicou especialmente ao estudo das doenças virais nas batatas, o que lhe valeu o apelido e prestígio dentro e fora do país. Silberschmidt havia trabalhado com H. M. Quanjor, virologista holandês renomado que contribuiu para que se voltasse para esse objeto científico, embora se definisse essencialmente como um fisiologista botânico, como assinala A. A. Bitancourt em seu artigo sobre a fitopatologia em um país em desenvolvimento [BITANCOURT, 1978, p. 9]. Como outros autores, ele se refere ao grupo de cientistas europeus predominantemente judeus que no período, coincidindo com a fundação da Universidade de S. Paulo, entraram no país, entre eles Silberschmidt, que logo no início pleiteou a chefia da recém-criada Seção de Fisiologia e um laboratório estruturado de acordo com suas especificações, no qual pode contar ainda com um assistente. Em janeiro de 1936, poucos meses após seu desembarque, ele participou, com o crédito de assistente-chefe da Seção de Fisiologia Vegetal do Instituto Biológico de S. Paulo, da Primeira Reunião de Fitopatologistas do Brasil realizada no Rio de Janeiro, na qual estavam presentes duas cientistas estrangeiras e que foi aberta pelo ministro da Agricultura, Odilon Braga.

Karl Martin Silberschmidt



Pesquisadores do Instituto Biológico durante a visita de Anna E. Jenkins, fitopatologista do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, ao Instituto Biológico. S. Paulo, 1935. Acervo: Instituto Biológico/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Professor Rocha Lima e sua equipe, dentre os quais Karl Martin Silberschmidt, recebendo visitantes diante do laboratório do Instituto Biológico. S. Paulo, 1935.
Acervo: Instituto Biológico/SP; Arqshoah/Leer-USP.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
INSTITUTO BIOLÓGICO

São Paulo, 15 de Outubro de 1962.

Ilmo. Sr.
Prof. Honorio da Costa Monteiro Filho
Dir. Diretor da Escola Nacional de Agronomia
Prof. Substituto de Botânica
Caixa Postal 25

CAMPO GRANDE
Est. de Guairapá

Mi prezado Prof. Honorio Monteiro e amigo.

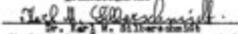
Ao voltar de uma viagem prolongada, fiquei satisfeitos em encontrar o seu gentil ofício Nº 151 de 17/9/62 contendo a determinação, para nos ter valiosa, das matrizes que fizeram parte da nossa remessa de 25 de Julho.

No primeiro lugar, queria agradecer-lhe mi cordialmente pela atenção que deu à nossa solicitação, atenção essa que resultou na classificação do material.

Prezido esclarecer que recebi as sementes que deram origem às plantas remissas do amigo H. Monteiro na Argentina de maneira que não possa afirmar que todas as matrizes provêm do Brasil.

No todo caso, uma vez que dispomos de mais material da "espécie" Nº 107, temos muito prazer em enviá-lo em anexo. Na lista que recebi do Dr. H. Monteiro, Corumbá é indicado como lugar de colheita desse material. Agradecendo-lhe por mais esta prova de eficiente colaboração, apresento-lhe os protestos de grande estima e de sincera amizade.

Atenciosamente


Dr. Karl M. Silberschmidt
Chefe de Seção de Fisiologia Vegetal
Instituto Biológico
Caixa Postal 7119
São Paulo

110 - 111

Carta do Dr. Karl M. Silberschmidt, chefe da Seção de Fisiologia Vegetal para o Prof.

Honório da Costa Monteiro, diretor da Escola Nacional de Agronomia. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Carta-enviada-pelo-Dr-Karl-M-Silberschmidt-do-Instituto-Biologico-de-Sao-fig2_234083837. Acesso em: 9 out. 2020.

Nos anais, convertidos em um número especial da revista *Rodriguésia* do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ele publicou o artigo “A importância do método de enxertia em imunologia vegetal”, tendo ainda participado dos debates.

O interesse científico pelas batatas, constante em toda a sua carreira, deveu-se, acreditamos, à importância histórica que esse alimento teve para as populações europeias, estando no centro de grandes fomes e presente nas mesas sobretudo do norte e leste do continente. Essa preocupação iria emergir logo durante a guerra, quando Silberschmidt empenhou-se para que não houvesse uma crise de abastecimento visto que a importação das sementes poderia ser suspensa. Isso porque antes da guerra os agricultores adquiriam tubérculos com certificação antivírus, e para que se prosseguisse o plantio, o cientista, com a ajuda de uma cooperativa de agricultores paulistas, organizou um serviço de certificação que autorizava os agricultores a cultivar

batatas a partir de suas próprias matrizes [BITANCOURT, 1978, p. 10].

Entre os anos de 1937 e 1942, Karl Silberschmidt publicou vários artigos sobre as batatas em *O Biológico*, periódico científico do instituto, embora tenha estreado nessa revista com “O mosaico do fumo”, em 1936. No ano seguinte encontramos “A degenerescência da batatinha”, sendo interessante notar que em paralelo à produção sobre as batatas, logo o cientista iria se voltar para as culturas nativas ou mais tradicionais da agricultura brasileira. Em 1937 ele assinou o artigo “O mosaico da mandioca”, e em 1941 dedicou-se ao cafeeiro, cultura que estava na gênese da criação do Instituto Biológico. Autor ou coautor de cerca de 180 artigos sobre patologia botânica e perto de 40 outros sobre fisiologia das plantas, Silberschmidt foi um cientista e docente



Grupo de cientistas que participaram da Primeira Reunião de Fitopatologistas do Brasil [Karl Silberschmidt é o segundo à esquerda] na Sessão Geral do Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1936. *Annaes da Primeira Reunião de Phytopathologistas do Brasil*, p. 3.

profícuo, como sublinhou a bióloga Marly Vicente, responsável por um necrológico logo depois da morte de Karl [VICENTE, 1974, p. 159].

Karl Silberschmidt lecionou virologia em muitos institutos de pesquisa no Brasil, na Colômbia, Alemanha, Itália e outros países, e era membro de uma série de associações e sociedades científicas, entre elas a Academia Brasileira de Ciências, Washington Academy of Sciences, New York Academy of Sciences, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e The American Phytopathological Society. Exemplar de sua produção é o livro publicado com o pesquisador e jornalista científico José Reis e Rocha Lima intitulado *Methoden der Virusforschung*, considerado “um resumo em alemão do que de mais moderno havia sobre os vírus em 1939” [GARCIA, 2002] que trata do método empregado no estudo das doenças virais das plantas, passando a integrar com esse trabalho a Enciclopédia *Adderhaldens Handbuch der Biologischen Arbeitsmethoden* [VICENTE, idem].

Logo após a guerra, Silberschmidt viajou aos Estados Unidos, tendo visitado o Jardim Botânico do Brooklyn em 1947, onde deu um seminário no qual K. Maramorosch, autor da obra *The Thorny Road to Success: A Memoir*, se impressionou não apenas pela oportunidade de ouvir um cientista já renomado, mas também de escutar do próprio Dr. Silberschmidt sobre o modo como ele havia notado, no percurso de seu apartamento para o laboratório em que trabalhava, as plantas *Abutilon* com suas folhas verde-escuro. A observação desenvolvida por dois anos a partir dos jardins da vizinhança, incluindo a construção de estufas de vidro, até a descoberta final de um vetor, a mosca branca, responsável pela clorose nas plantas, foi algo inusitado para o público de estudiosos ali reunidos. Nesta oportunidade, o Dr. Silberschmidt também contou como ele, “um judeu alemão, tinha vindo para o Brasil, escapando dos nazistas”.

Em 1957, Maramorosch reencontrou o Dr. Silberschmidt em Hamburgo, por ocasião do International Congress of Plant Pathology. Em suas lembranças, Maramorosch conta que certa noite, caminhando pelas ruas da cidade em companhia do cientista, deparou-se com um cartaz com a suástica. O Dr. Silberschmidt insistiu que seria impossível o retorno ao poder da extrema direita. O Dr. Melchers, que os acompanhava e fora seu colega de universidade na Alemanha, o lembrou: “Karl, você se esqueceu de que nós caminhamos por Heidelberg em 1932 e você expressou a mesma crença? Essa é a Alemanha, e os filhos dos ex-nazistas podem um dia se tornar nazistas eles mesmos”. “Pude ver” – escreveu Maramorosch – “quão pálido o Dr. Silberschmidt ficou quando passamos sob um poste de luz. ‘Você acha realmente que isso poderia acontecer?’ , ele perguntou.” [MARAMOROSCH, 2014]

Indícios de um legado

Karl Martin Silberschmidt (1903-1973)

“Antes do início da Segunda Guerra Mundial e na mesma época em que a Universidade de S. Paulo foi fundada, em 1934, um grupo de cientistas europeus, a maioria judeus, vieram para o Brasil, por conta própria ou contratados por cientistas brasileiros em missões do governo de S. Paulo por recomendação dos fundadores da Universidade. Entre eles estava Karl Martin Silberschmidt, graduado pela Universidade de Munique, reconhecido como fisiologista de plantas, estudioso dos problemas de virologia de plantas e colaborador de H. M. Quanjér, o famoso virologista holandês. Silberschmidt se considerava principalmente um fisiologista vegetal, e após ser nomeado em 1935 para atuar no Instituto Botânico de S. Paulo, assumiu a posição de chefe de uma seção de fisiologia recém-criada. Uma sala do pavilhão da Cantareira foi totalmente equipado de acordo com as especificações da Silberschmidt e um assistente de laboratório foi contratado para auxiliá-lo em suas pesquisas: Kramer, um dos quatro agrônomos que passou no exame oficial. Silberschmidt o designou para investigar o hormônio de crescimento vegetal auxina, um assunto fisiológico. Em 1949, na qualidade de bolsista da Fundação Guggenheim, Kramer trabalhou na Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena, supervisionado por F. W. Went. Juntos, Kramer e Went, publicaram um artigo sobre o peso molecular da auxina.

Antes da Segunda Guerra Mundial, os produtores de batata do estado de S. Paulo importavam tubérculos da Europa, com certificados “livres de vírus”. Os tubérculos [da primeira e segunda gerações] eram geralmente vendidos para consumo local porque eram muito pesados e estavam infectados com doenças virais, portanto inadequados para o uso como sementes. Por causa da guerra, a importação anual de tubérculos para plantio da batata na Europa praticamente parou, e os produtores tiveram que usar tubérculos dos estados do sul do Brasil, que, embora menos infectado que os tubérculos paulistas, produziram safras pequenas e insatisfatórias.

Com a ajuda de uma associação cooperativa de fazendeiros de S. Paulo, Silberschmidt organizou um programa de certificação de tubérculos saudáveis, aptos para o plantio. Neste trabalho ele foi auxiliado por sua equipe, que havia sido ampliada com a admissão de N. Nóbrega, um graduado pela Escola Superior de Agricultura de Piracicaba, além da contratação de mão de obra especializada. Em 1947, Nóbrega obteve uma bolsa do British Council e permaneceu por um tempo como estagiário no laboratório de Kenneth Smith em Cambridge, na Inglaterra, e depois na Estação Experimental de Edimburgo em G. Laboratório de Cockerham. Naquele mesmo ano, A. A. Bitancourt, do Instituto Biológico de S. Paulo, encontrou-se com Nóbrega e Cockerham que estavam em Edimburgo e depois, novamente, em Copenhague, onde participaram do Congresso Internacional de Microbiologia. Após o congresso, os três cientistas participaram de uma extensa excursão pelos campos de plantação de batata da Suécia, onde o grupo aprendeu muito sobre a rotina de certificação utilizada nas estações experimentais visitadas.

Nesse ínterim, Silberschmidt estava trabalhando com o agrônomo A. Orlando, que se juntou à equipe da Seção de Fisiologia Vegetal em 1946. Com a colaboração de Silberschmidt, Orlando demonstrou que o inseto vetor até então desconhecido da clorose infecciosa de *Malvaceae* era a mosca branca *Bemisia tabaci*. Silberschmidt foi, a partir deste momento, o iniciador da pesquisa sobre vírus de plantas na América Latina. Quando faleceu, em 1973, ele era conhecido em todo o mundo e respeitado pelos seus colegas. Ele publicou 180 trabalhos sobre fisiologia e virologia vegetal.

Em 1949, A. A. Bitancourt assumiu o cargo de diretor-geral do Instituto Biológico e, poucas semanas depois, publicou na revista *O Biológico* um artigo intitulado “Pesquisa, Extensão e Ensino” no qual destacava como o Instituto, que era um departamento da Secretaria de Agricultura do estado de S. Paulo, cumpria com sua missão de ajudar os fazendeiros e criadores a controlar as pragas e doenças de suas plantações e gado.

Essa publicação fez parte da famosa enciclopédia “Abderhalden’s Handbuch der Biologischen Arbeitsmethoden”. Silberschmidt foi chefe da Seção de Virologia Fitopatológica e Fisiopatologia do IB e, com sua humildade, passou para os seus discípulos todo o

conhecimento adquirido durante sua vida. Assim, fica aqui registrada a sabedoria de um homem que não deixou de unir a ciência ao seu carismático dever de cientista – a divulgação do seu conhecimento para todos.

Além do sucesso de suas investigações, um livro o consagrou: *Métodos de pesquisa sobre vírus*, onde Silberschmidt escreveu um capítulo sobre a virologia vegetal e José Reis sobre a virologia animal, tendo a introdução assinada por Rocha Lima. Esta publicação também faz parte da enciclopédia “Abderhalden’s Handbuch der Biologischen Arbeitsmethoden”.

Atualmente, o Instituto Biológico de S. Paulo, considerado o primeiro centro de debate científico e formação de cientistas do estado de S. Paulo, mantém um importante acervo documental com mais de 340 mil documentos referentes à história institucional e à cultura científica do estado de S. Paulo, do Brasil e do exterior. Entre estes documentos, centenas deles têm a autoria de Silberschmidt, composto ao lado de grandes cientistas como Arthur Neiva, Henrique da Rocha Lima e José Reis, entre outros. Em 1977, Addolorata Colariccio, ainda bacharel em ciências biológicas, iniciou seu estágio no Instituto Biológico sob a orientação da Dra. Maria Mércia Barradas, que atuou no seu treinamento inicial nas principais técnicas de diagnóstico e identificação de fitovírus em culturas de olerícolas e na manutenção da coleção de fitovírus em tecido foliar desidratado, iniciada pelo Dr. Karl Silberschmidt. Essa coleção atualmente recebe o nome de CoFiKS (Coleção de Fitovírus Karl Silberschmidt), a qual a Dra. Addolorata manteve e ampliou.

Atualmente, o Centro de Memória do Instituto Biológico mantém, de forma organizada, a coleção de fitovírus do Laboratório de Fitovirologia e Fisiopatologia do Centro de P&D de Sanidade Vegetal, iniciada pelo Dr. Karl Martin Silberschmidt, fundador do laboratório em 1972, com o *Tobacco mosaic virus* (TMV–Bahia 10). Por esta razão, em homenagem a ele, a coleção recebeu o seu nome (CoFiKS). Nos últimos anos, graças a um projeto financiado pela FINEP, foi possível informatizar a catalogação dos isolados existentes na CoFiKS, de acordo com critérios pré-definidos que estão sendo empregados na identificação e intercâmbio destes isolados com outras instituições.

A coleção representa uma amostragem da diversidade de fitovírus, principalmente no estado de S. Paulo. Trata-se de uma coletânea de informações sobre cada isolado de vírus nos agrossistemas em que são coletados, compreendendo sintomas, plantas-hospedeiras, hospedeiras alternativas, culturas, modo de transmissão (vetores, sementes, tubérculos, bulbos, rizomas, pólen e outros), além da consideração da ação antrópica (intercâmbio de material propagativo, tratos culturais e bancos de germoplasma). Neste Fundo Documental, podemos vislumbrar todos os desafios e conquistas do Dr. Karl Silberschmidt.”

Texto adaptado por Tucci Carneiro a partir do artigo de autoria de A. A. Bitancourt, “Phytopathology in a Developing Country”. In: *Ann. Rev. Phytopathol.*, S. Paulo, n. 16, p. 1-18, 1978; e do site do Instituto Biológico de S. Paulo. Disponível em: www.annualreviews.org. Acesso em: 13 out. 2020.